



Trabalho 2167

VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS DE 0-12 ANOS EM UM MUNICÍPIO DA FRONTEIRA OESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL E A CONTITUIÇÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS

Borges, Tatiane Angélica Phelipini¹; Rios, Andressa Oliveira²; Rodrigues, Jéssica de Moraes³; Poll, Marcia Adriana⁴; Wachholz, Aline⁵; Weiller, Heck Terezinha⁶.

INTRODUÇÃO: A violência contra crianças acompanha a trajetória da humanidade, manifestando-se de múltiplas formas, nos diferentes momentos históricos e sociais, em acordo com aspectos culturais⁽¹⁻²⁾. Pesquisas realizadas em diferentes países, com registros das Instituições de Atendimento às crianças vitimadas por violência, mostraram aumento da incidência das diferentes formas de agressão, a partir da década de 90⁽³⁻⁴⁾. No Brasil, a violência estrutural, responsável pela desigualdade social, contribui com o desenvolvimento da violência interpessoal, nos diferentes segmentos sociais, em especial na dinâmica e no modelo familiar⁽⁵⁾. Nesse contexto, torna-se essencial ampliar o conhecimento sobre as características epidemiológicas da violência que ocorrem contra a criança, contribuindo para a avaliação das características do fenômeno, subsidiando o planejamento de ações preventivas que visem à redução desse agravo em nossa sociedade. **OBJETIVO:** Conhecer a ocorrência de violência na faixa etária de 0 à 12 anos, do ponto de vista epidemiológico, a fim de contribuir na construção de políticas sociais. **DESCRIÇÃO METODOLÓGICA:** A presente pesquisa teve como desenho metodológico um estudo transversal descritivo-exploratório com delineamento documental. O estudo foi desenvolvido em uma unidade de urgência e emergência denominado “Pronto Socorro” de um hospital geral de alta complexidade M3 em um município da região da fronteira oeste do Rio Grande do Sul. O levantamento dos dados deu-se a partir de informações coletadas nas fichas de atendimento ambulatorial (FAA) das vítimas acometidas por causas externas, relativo ao período de janeiro a junho de 2012. A população do estudo compreendeu todas as vítimas que foram atendidas no setor de atendimento a urgência e emergência (área vermelha) no período já determinado. A amostra teve como critério de inclusão, todos os sujeitos que se enquadraram dentro da faixa etária de 0 a 12 anos, acometidos por violência. Os dados foram coletados de forma retrospectiva a partir de análise dos registros das FAAs das vítimas utilizando-se de um roteiro elaborado, o qual serviu para busca direcionada de informações relevantes a pesquisa. A coleta de dados ocorreu diariamente no período disponibilizado pela instituição ou conforme acordado com o responsável pelo Serviço de Arquivo Médico e Estatística (SAME). Os dados quantitativos

¹ Acadêmica do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Pampa-UNIPAMPA. Bolsista do Programa de Extensão Universitária MEC/ SESu (PROEXT MEC/SESu). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Enfermagem da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul (GEPEnf – FORs).

² Acadêmica do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Pampa-UNIPAMPA. Bolsista do Programa de Extensão Universitária MEC/ SESu (PROEXT MEC/SESu). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Enfermagem da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul (GEPEnf – FORs).

³ Acadêmica do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Pampa-UNIPAMPA. Bolsista do Programa de Extensão Universitária MEC/ SESu (PROEXT MEC/SESu). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Enfermagem da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul (GEPEnf – FORs).

⁴ Enfermeira, Mestre em Enfermagem PPGEnf /FURG. Professora Assistente do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Pampa-UNIPAMPA. Coordenadora do projeto PROEXT/Mec 2013 -Programa de Extensão Universitária MEC/SESu. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Enfermagem da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul (GEPEnf – FORs).

⁵ Enfermeira, Professora substituta do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Pampa-UNIPAMPA. Colaboradora do Programa de Extensão Universitária MEC/ SESu (PROEXT MEC/SESu). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Enfermagem da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul (GEPEnf – FORs).

⁶ Enfermeira, Doutora em Enfermagem em Saúde Pública PPGEnf/USP. Professora adjunta do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria-UFSM. Professora e Tutora de Campo e de Núcleo do Programa de Residência Multiprofissional Integrada em Sistemas Públicos de Saúde. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Trabalho, Saúde, Educação e Enfermagem da UFSM.



Trabalho 2167

foram considerados e interpretados em valores percentuais. Para a realização desta pesquisa, foram respeitados o sigilo, a privacidade e os preceitos éticos conforme defende o Código de Ética de Pesquisa com Seres Humanos, Resolução (196/96). Desta forma, esta pesquisa teve início somente após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) UNIPAMPA, conforme parecer CAAE nº 04010912.9.0000.5323. E aprovação do diretor o Hospital local do estudo, por meio da assinatura do Termo de Autorização da Instituição Coparticipante.

RESULTADOS: Dentre os 3.144 atendimentos por causas externas, triados para área vermelha da unidade de pronto socorro, no período pré-determinado, houveram 200 casos que foram de agressão física, sendo que dentro desse recorte 14 (7,0%) destes casos eram de agressão contra crianças, dentre os quais 10 (71,43%) eram do sexo masculino, e 4 (28,57%) do sexo feminino. Os agressores mencionados no atendimento a criança dividem-se entre duas (2) mães, correspondendo a (14,29%) dos casos, uma (1) colega representando (7,14%), um (1) vizinho, representando (7,14%). Além de uma grande parcela dos casos, totalizando dez (10), o que equivale a (71,43%) dos casos o agressor não foi identificado devido omissão no ato do atendimento ou falha no registro dos dados por parte da equipe de saúde. Quanto a faixa etária foram vítimas as crianças com 1 ano e 3 anos de idade, respectivamente, o que equivale (7,14%) cada, com 4 anos houveram duas (2) vítimas, equivalente a (14,29%) e com 5 anos e 7 anos de idade houveram também uma (1), correspondendo a (7,14%) casos de agressão cada, já com 8 anos e 9 anos de idade houveram dois (2) casos, equivalente a (14,29%) cada uma e com 10 anos houveram quatro (4) casos de agressão equivalente a (28,57%) vítimas. Dentre as morbidades ocasionadas pela violência contra a criança, os ferimentos variados deram conta de 17 ocorrências, o que equivale a (28,57%), enquanto as lesões cortantes variadas foram em número de cinco (5) (35,72%), já os hematomas variados e a melena, obtiveram um (1) caso respectivamente, equivalente a (7,14%) cada, e quanto as morbidades não registradas, ocorreram três (3) casos, equivalente a (21,43%). Em se tratando das causas das morbidades decorrentes da violência deferida contra a criança, as agressões físicas lideraram os casos, totalizando oito (8), representando (57,14%), o ferimento por arma branca (FAB) acometeu uma (1) criança (7,14%), enquanto o ferimento por arma de fogo (FAF) acometeram três (3) crianças, o que equivale a (21,43%) dos casos. Ainda ocorreram dois (2) casos de estupro, correspondendo a (14,29%). O bairro mais acometido por violência contra crianças na cidade de Uruguaiana foi o Centro com 4 (28,57%) casos, seguido por Cidade Nova com 2 (14,29%) casos, no interior do município também foram registrados 2 (14,29%) casos, os demais bairros somaram 6 (42,84%) casos.

CONCLUSÃO: Conhecer o perfil de morbimortalidade infantil por causas externas possibilita aos planejadores e executores de políticas públicas, definir em bases concretas as ações que deveriam ser prioritárias a fim de contemplar a prevenção e a atenção às vítimas dessas causas. Outro fator importante, é a atenção que as autoridades e a sociedade em si devem prestar a criança vítima de agressão, pois, seus resultados podem deixar marcas por toda vida, afetando seu desenvolvimento físico e emocional. Enfocando ainda na aparição de casos por estupro, chamam atenção para a necessidade de desenvolver-se ações de conscientização da sociedade e proteção desta criança abusada, para reduzir danos no seu desenvolvimento.

CONTRIBUIÇÕES/IMPLICAÇÕES PARA ENFERMAGEM: O fato de violências contra criança acontecerem, em grande parte, envolvendo situações do ambiente doméstico sugere-se que se visualize este problema para além da questão saúde, mas sim em seu aspecto sócio ambiental, considerando o âmbito ecossistêmico em que estas crianças estão inseridas. Diante da questão da violência e negligência, os profissionais que lidam direta e indiretamente com crianças necessitam estar alertas e sensibilizados para a detecção precoce dessas circunstâncias. Logo, surge a atuação da Enfermagem, de modo a compreender os contextos sócio ambientais que permeiam as causas externas, especificamente a violência, que tem se mostrado um fator determinante para morbimortalidade em crianças de 0-12 anos. Dessa forma, cabe a enfermagem, e demais membros da equipe multiprofissional, fortalecer práticas populares de cuidado em saúde, a partir da educação em saúde.



Trabalho 2167

DESCRITORES: Violência; Criança; Políticas públicas.

EIXO TEMÁTICO IV: Formação em Enfermagem e as políticas sociais.

REFERÊNCIAS

1. Minayo MCS. A violência dramatiza causas. In: Minayo MCS, Souza ER, organizadores. Violência sob o olhar da saúde a infrapolítica da contemporaneidade brasileira. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2003. p. 23- 47.
2. Sanchez RN, Minayo MCS. Violência contra crianças e adolescentes 2004. In: Lima CA et al. Violência faz mal à saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2004.p. 29-39.
3. Lavergne C, Tourigny M. Incidence de l'abus et la négligence envers les enfants: recension des écrits. CriMinologie 2000; 33(1): 47-72.
4. Trocmé NM, Tourigny M, MacLaurin B, Fallon B. Major findings from the Canadian incidence study of reported child abuse and neglect. Child Abuse & Neglect 2003; 27:1427-1439
5. Cruz Neto O, Moreira MR. A concretização de políticas públicas em direção à prevenção da violência estrutural. Rev C S Col. 1999; 4:33-52.